

6

Aprovações e Reprovações: conselhos deliberativos

6.1

Descrição geral

Os conselhos deliberativos, que ocorrem em dezembro, são a instância de decisão das aprovações e reprovações dos alunos que não alcançaram a média para aprovação depois das provas finais.

Assim, o primeiro conselho deliberativo aconteceu em dezembro, logo após as provas finais. Relembro aqui que, de acordo com as regras de promoção da escola, é permitido ficar apenas em duas matérias em recuperação. Os alunos que são reprovados e os que ficam em recuperação são discutidos em conselho. Caso o aluno fique em três matérias, pode receber um ajuste na nota para poder fazer a recuperação. É importante salientar que essa regra não está escrita nas orientações gerais⁶⁹ citadas anteriormente. Do texto consta: “a recuperação final será facultada somente em, no máximo, duas matérias. Em caso contrário, NÃO OCORRERÁ PROMOÇÃO”.(grifo no original).

O segundo conselho deliberativo ocorre após a recuperação, também em dezembro. Nele é decidido, dentre os alunos que não passaram por nota, em uma ou nas duas matérias em que fizeram recuperação, quais poderão ser aprovados e quais serão reprovados. Mais uma vez é uma regra não escrita nas orientações gerais.

O ritual do conselho deliberativo consistiu na nomeação dos alunos, seguida da exposição em *datashow* de uma planilha com o resumo das notas e da foto do aluno. Os professores falavam o que lhes parecia pertinente, conforme apresentarei adiante. Depois era tomada a decisão: no 8º ano, sempre por consenso; no ensino médio, por votação. Em entrevista com a orientadora educacional do ensino fundamental, comentei essa diferença entre os conselhos de cada segmento. Ela disse que provavelmente o certo seria fazer por votação, mas as decisões nos outros encontros continuaram a ser por consenso.

⁶⁹ Relembro que as “orientações gerais” estão escritas na agenda anual distribuída para toda a comunidade escolar.

A escola tem um documento que a família e o aluno devem assinar caso ocorra uma aprovação em conselho. Nele, o responsável declara estar ciente da aprovação pelo Conselho de Classe Final e que será necessário o acompanhamento acadêmico do aluno naquela disciplina, no ano seguinte. De acordo com a orientadora, o documento mais do que representar uma obrigação que a escola imputa à família, representa uma advertência da fragilidade do aluno na matéria.

6.2

Uma escola menos “excludente”

As reprovações já eram esperadas, conforme vimos nas análises de ciclo de séries do capítulo 4. Em 2008 e 2009, as reprovações do 1º ano do ensino médio mantiveram-se no mesmo patamar dos ciclos de série de 1996/2006 e 1997/2007⁷⁰, com 16 reprovados em 2008 e 17 em 2009. No 8º ano do ensino fundamental, no entanto, ela foi menor. De fato, se nos anos das análises a escola tinha reprovado sete, quinze, seis e onze alunos no 8º ano, foram apenas quatro alunos no ano de 2008 e três no de 2009.

Acredito que essa variação seja decorrência de uma mudança interna que vem acontecendo ao longo dos últimos anos na instituição. Não me dei conta de que a minha escolha tinha se baseado em dados de 2001, 2002, 2003 e 2004, que foram os anos correspondentes ao 8ª ano das análises de ciclo de série que realizei.

Caso fosse adotado o critério antigo, que era exclusivamente pela nota, teria havido pelo menos quatro reprovações a mais nos dois anos observados do 8º ano do ensino fundamental. A diferença no ensino médio seria ainda maior: seriam pelo menos nove reprovações a mais em 2008 e mais 16 em 2009, contabilizando os ajustes feitos nos dois conselhos deliberativos em cada ano.

De acordo com a supervisora pedagógica, a escola está paulatinamente introduzindo desde 2001 uma dimensão qualitativa na avaliação dos alunos. É uma tentativa de sair da “nota fria”, que, no passado, decidia tudo. Para explicar o

⁷⁰ O número de reprovados nas análises de ciclos de série no 1º ano do ensino médio foram 21 alunos no ciclo de 1995/2005 e 27 no ciclo de 1998/2008.

que acontecia, ela me relatou que muitos alunos eram reprovados por meio ponto em uma matéria. Havia pouco diálogo com os pais, e, se a família não estivesse satisfeita com a escola, deveria retirar seu filho do estabelecimento. Ela salientou que o resultado da mudança na forma de avaliar dos alunos pode ser visto na formatura de três turmas no ensino médio em 2009.

Numa tentativa de entender o porquê dessa mudança, perguntei, nessa mesma entrevista com a supervisora, se isso não estaria ligado a uma decisão administrativa pela diminuição expressiva no número de candidatos interessados na escola. No passado, de acordo com os depoimentos de vários profissionais, o dia de inscrição era um só e apenas para determinadas séries. A fila de inscrições para a escola dava “volta no quarteirão”. Atualmente são vários dias de inscrição e em todas as séries há entrada de novos alunos. Essa informação, aliada ao conhecimento do perfil do novo gestor da escola, marcadamente uma pessoa que se importa com a boa administração financeira, motivou a minha pergunta. Essa característica, inclusive, foi salientada em entrevistas por diversos profissionais e pelo próprio gestor.

A resposta da supervisora foi negativa. A decisão da mudança seria uma decorrência das trocas de liderança ocorridas na escola nos últimos dez anos, e que teria sido uma questão exclusivamente pedagógica, pois o que se queria é que mais alunos pudessem aproveitar a formação oferecida pela escola. O desejo é que a escola fosse “menos excludente”.

Esse é um processo, no entanto, que ainda está em andamento. A diferença no modo de votar entre os segmentos e o número de reprovações reforça a interpretação dada no capítulo 5, sobre as diferenças nas funções de cada conselho. No 8º ano do fundamental, como a escola está formando os alunos, o alinhamento à proposta da escola é mais simples; a decisão por consenso e o número de reprovados seriam uma demonstração disso.

No ensino médio, a situação é diversa. Para começar, como temos no mínimo o dobro de professores, talvez o consenso seja mais difícil de ser alcançado. Depois, a nova mentalidade da escola confronta com a função seletiva que o 1º ano deve operar para estabelecer a distinção da escola. A possibilidade do voto no ensino médio mostrou esse desacordo atual entre os professores, pois

muitas vezes não houve o consenso⁷¹. Pareceu, inclusive, permitir que alguns professores manifestassem sua discórdia com o que estava sendo dito pelos professores mais eloquentes. O voto demonstrava a opinião divergente sem a necessidade do desgaste normalmente acarretado pelo debate. Infelizmente, como não filmei, não pude captar as diferenças entre os professores, apenas o somatório dos votos.

Essa modificação na mentalidade provocou rupturas. Conforme relato da supervisora pedagógica, diversos professores acabaram saindo da escola. Alguns foram mandados embora e outros saíram por discordar do novo sistema. Interessante notar que Fernandes (2003) observou o mesmo com a implementação da política de ciclos. De acordo com seu estudo, a introdução da experiência em ciclos desestabilizou o *habitus* dos agentes escolares, produzindo uma situação de tensão e conflito. Vemos na pesquisa de Fernandes como a mudança no sistema de avaliação repercute intensamente na comunidade escolar. Na escola A1, ainda que não tenha sido uma mudança tão radical quanto a introdução dos ciclos, uma pequena mudança já alterou o equilíbrio pré-existente, gerando o desligamento de muitos professores.

6.3

Matérias que reprovam e que não reprovam

Durante os conselhos deliberativos, foi possível perceber diferenças entre as matérias. Tais diferenças se manifestavam não só pelo número de alunos que ficavam em recuperação, mas também pelo peso que tinham na hora da reprovação, o que nos leva a pensar que existe uma hierarquização na importância das disciplinas na escola.

⁷¹ No primeiro conselho deliberativo de dezembro de 2008, do ensino médio, havia a possibilidade da abstenção e vários professores se valeram disso para não votar.

6.3.1 Ensino Fundamental

As disciplinas nas quais os alunos tiveram mais dificuldades variaram um pouco em cada ano. Se, em 2008, Português teve 12 alunos que não passaram por nota nas provas finais, em 2009, teve apenas três; Matemática também apresentou uma grande variação: seis, em 2008, e dois, em 2009.

Geografia se manteve sempre em segundo lugar: nove, em 2008, e sete, em 2009. As falas desse professor em conselho com frequência foram em direção à reprovação dos alunos, seja na utilização da nota como estratégia para conter os alunos indisciplinados, seja na hora de expor sua opinião sobre cada um.

Já em Ciências, se, em 2008, apenas quatro alunos não obtiveram as notas necessárias, em 2009, foram 17. A fala da professora de Ciências no conselho talvez explique em parte o aumento do número de alunos: corrigiu as provas à noite, deixando as notas “cruas” para não cometer nenhum engano. Apesar de ela não ter explicado o que ela queria dizer com isso, entendi que ela deu as notas sem olhar para quanto cada aluno precisava para ser aprovado. Desse modo, não fez os ajustes necessários que já faria normalmente antes do conselho. Mesmo assim, a diferença foi grande, já que, em 2009, dez alunos ficaram em recuperação. Essa professora também demonstrou frequentemente acreditar na importância da reprovação. Com esses dois profissionais, vemos a importância da personalidade do professor nas reprovações. Conforme a sua concepção de ensino, o professor tende a diminuir as notas ou não, situação que também se apresentou no ensino médio.

História não teve nenhum aluno fazendo recuperação, e Francês, apenas um. Em ambas as disciplinas, a situação foi parecida, poucos alunos ficaram nas duas matérias e, na maioria das vezes, foram aqueles que ficaram sem nota em diferentes matérias, por isso foram reprovados antes mesmo da recuperação.

Inglês ocupou uma posição intermediária entre as disciplinas de Geografia e História. A escola atualmente tem uma grande exigência na língua estrangeira, pois o aluno teria um ensino de alta qualidade, não sendo necessário estudar em nenhum curso extracurricular.

Teologia não teve nenhum aluno em recuperação, nem no fundamental, nem no ensino médio. Provavelmente, por ser uma matéria que não é avaliada no

vestibular, nem em nenhum outro concurso, não está entre as que possam reprovar, apesar de ser avaliado com nota. Imagino que seria difícil para a escola sustentar uma reprovação em Teologia junto às famílias. O investimento dos pais é muito alto para que a Teologia, por suas características, possa ser configurada como um obstáculo na trajetória escolar desses alunos.

Vemos também que as disciplinas não têm o mesmo estatuto em outras situações. Por exemplo, um aluno, em 2008, teve a nota de Geografia ajustada, em vez da de Português, para poder fazer recuperação, ainda que, em Português, ele só precisasse de oito décimos e, em Geografia, 1,7. O critério definido pela coordenadora foi a matéria que faria mais falta no ano seguinte. Como em Geografia o tema seria outro, mesmo que o aluno fosse ficar com “lacunas”, conforme foi dito para outros alunos, decidiu-se que era melhor a recuperação em Português. O que demonstra, mais uma vez, a hierarquia entre as disciplinas.

Em 2008, no conselho deliberativo final, que aconteceu após a recuperação, um aluno ficou apenas em Inglês precisando de 2,5. No ano seguinte, nesse segundo conselho deliberativo, um aluno ficou em Geografia precisando de nove décimos. Em ambos os casos, os alunos foram aprovados. Não sei se o resultado seria diferente se fosse Matemática ou Português, mas nas duas situações não eram bons alunos, foram considerados fracos, mesmo assim foram aprovados. A própria professora de Inglês disse não se sentir confortável de reprová-lo só na sua matéria. Provavelmente, a nova mentalidade da escola de tentar reprovar menos também tenha influído na decisão.

Tabela nº 11 - Número de alunos que não passaram por nota em cada disciplina do 8º EF nos anos de 2008 e 2009

Matéria	2008	2009
Português	12	3
Matemática	6	2
Ciências	4	17
Geografia	9	7
Inglês	2	5
Francês	3	1
História	2	1
Teologia	0	0

6.3.2 Ensino Médio

No ensino médio, a grande “vilã”, ao contrário do ensino fundamental, foi a Matemática. Sem dúvida, foi a matéria que mais levou alunos à recuperação e à reprovação. Em 2008, foram 28 alunos, em 2009, provavelmente pelo problema já relatado anteriormente, com a mudança de currículo, os números foram ainda maiores e, dos 42 que não passaram por nota nas provas finais, 35 ficaram em Matemática. A Física manteve um padrão alto nos dois anos com muitos alunos em recuperação. Química e Português tiveram um comportamento distinto nos dois anos, e acredito que tenha acontecido em decorrência da mudança dos professores. Digo isso em função do comportamento dos professores no conselho de classe, pois os novos tiveram um discurso mais voltado para a liberação dos alunos do que os antigos. Mais uma vez, vemos a importância da personalidade dos professores no desempenho dos alunos.

Pouquíssimos alunos ficaram em recuperação em História, Redação e Artes. Em Sociologia e Filosofia, ainda que o número de alunos que não passaram por nota tenha sido maior, apenas dois ficaram efetivamente em recuperação em cada ano.

Tabela nº 12 - Número de alunos que não passaram por nota em cada disciplina do 1º EM de 2008 e 2009		
Matéria	2008	2009
Português	4	10
Redação	2	1
Francês	1	2
Inglês	5	11
História	0	2
Geografia	4	2
Física	19	21
Química	17	8
Biologia	3	6
Matemática	28	35
Teologia	0	1
Artes	2	2
Sociologia	5	6
Filosofia	6	1

A hierarquização das disciplinas foi possível de ser observada no primeiro conselho deliberativo do ensino médio. Um dos alunos ficou em três matérias: Matemática, precisando de 1,6, Sociologia, de 1,4 e Filosofia, de 3,4. A professora de Sociologia imediatamente se prontificou a dar a nota por ser o aluno “muito gente boa”. O professor de Matemática disse que poderia liberá-lo em sua matéria. A professora replicou que o aluno tinha sido reprovado no ano anterior em Sociologia e não seriam os dez dias da recuperação que fariam a diferença. O professor de Matemática insistiu, dizendo que, pelo quadro de notas, era claro que o maior problema do aluno eram as disciplinas de área humana, usando como argumento que seria até bom para desfazer a imagem da escola de só privilegiar as exatas. Foi feita uma votação para decidir se o ajuste seria realizado em Matemática e não em Sociologia, houve quatro votos a favor, sete contra. Ao meu lado, um professor disse que não poderiam mudar essa imagem, porque ela era verdadeira.

Inúmeras vezes, esse professor de Matemática demonstrou, nos conselhos, ter uma opinião diferente da dos outros professores. O que outros professores consideraram como um comportamento inadequado ele mostrou outro ponto de vista dizendo que a escola devia tomar cuidado para não enquadrar demais os alunos, por exemplo. De acordo com a orientadora educacional, ele fez a grande diferença no segundo conselho deliberativo de 2009, pois vários alunos foram aprovados precisando de notas muito altas. Parece que seu argumento era de que o aluno tinha condições e, como eles tinham mudado o currículo, isso não seria um problema. Acabou pedindo demissão no fim do ano.

Houve mais um debate sobre esse tema, dessa vez em um dos conselhos consultivos do ensino médio. Numa discussão sobre uma das turmas de 2009, o coordenador disse que os alunos não respeitavam algumas matérias por falta de maturidade e que eles respeitavam mais quem “come o fígado deles”. Com sua declaração, deu uma pequena mostra da visão dos alunos de que professor bom é aquele que pode reprovar, exatamente como mencionou Eisemon (1977) para os países de influência francófona, onde o rigor na nota é compreendido como qualidade.

Outro professor falou que precisou explicar para os alunos que as disciplinas da área de humanas eram muito importantes na vida deles e foi um discurso forte. O próprio coordenador, que é professor da área de exatas, disse que

sentia falta dessas disciplinas. O professor de Geografia manifestou seu espanto diante da fala, pois nunca tinha ouvido nada parecido naquele colégio, diferente do outro onde ele dá aula. O pensamento sobre a importância das exatas era “meio institucional”.

Uma demonstração desse pensamento tinha acontecido quando um excelente aluno manifestou seu desejo de fazer Direito e vários disseram para ele que seria um desperdício. A orientadora educacional concordou, pois, na definição das profissões, os alunos só mencionavam as que estavam no grupo das exatas.

O fato é que todos os alunos que foram reprovados em apenas uma disciplina da área de humanas foram aprovados em conselho. O mesmo não aconteceu com Física e Matemática. Os alunos que foram reprovados em alguma disciplina do grupo das humanas foram reprovados também em alguma da área das exatas.

Pela diferença do número de alunos que ficou em cada matéria e, posteriormente, pela possibilidade de reprovação que demonstraram, vemos que no ensino médio a escola prestigia as exatas. Bourdieu (1989) explicou a hierarquização das disciplinas nas escolas preparatórias francesas da seguinte forma: considerou que Francês, Filosofia e as matemáticas seriam disciplinas que necessitariam de talento e de dom, por isso estariam associadas a um capital cultural herdado muito importante, o que é diferente da Geografia e das Ciências Naturais, que necessitam principalmente de trabalho e de estudo. História e as línguas modernas e arcaicas ocupariam uma posição intermediária.

Essa explicação dada por Bourdieu é adequada para o contexto francês, no qual a escola é pública. No caso da escola A1 e acredito que das outras escolas de prestígio também, parece que essa interpretação no ensino médio não é adequada. Para essas escolas, o capital cultural herdado já está razoavelmente garantido com a seleção social que é feita na entrada da escola, com as mensalidades e a avaliação inicial. Além disso, os alunos foram intensamente ensinados e exigidos em Português até o fim do ensino fundamental. No ensino médio a seleção feita pela reprovação não pode se basear nisso, pois todos partem de um patamar razoavelmente comum. As matérias que fazem diferença são aquelas menos ensinadas no contexto doméstico, por isso Matemática, Física e Química são tão importantes. É nessa área do conhecimento que a escola fará diferença e mostrará o valor agregado que oferece. Isso é necessário porque a baliza é o vestibular, é a

prova do Enem, e são essas avaliações que determinam as disciplinas que distinguem os alunos nesses rankings.

Precisa ser dito que essa opção pelas disciplinas da área de exatas não se repete nas escolas definidas por Ballion (apud Nogueira, 1998) como “estabelecimentos para as classes altas”. Tais escolas prestigiam uma socialização feita de práticas ‘mundanas’. A diferença observada na escola também é possível de ser observada no investimento feito pelas famílias dos alunos nas práticas culturais mundanas.

Em pesquisa anterior (Mandelert, 2005), a escola A1 e uma escola bilíngue, considerada do tipo para as classes altas, responderam a um questionário elaborado pelo grupo SOCED⁷². As frequências apuradas mostravam que as famílias da escola bilíngue iam mais ao teatro, ópera, espetáculos de dança, museus, além dos pais terem um domínio maior de línguas estrangeiras e possuírem mais diplomas de mestrado e doutorado.

6.4

Conselhos pós-provas finais

6.4.1

Regras gerais

De acordo com minhas observações, três regras funcionaram em todos os conselhos:

- a) Os alunos que ficaram em quatro ou mais matérias foram reprovados⁷³.
- b) Todos os alunos que ficaram por até dois décimos foram aprovados nas matérias respectivas, sem discussão, mesmo quando consideraram que um aluno economizou esforço, por exemplo;
- c) Quando o professor considerava que podia dar a nota, seu desejo era respeitado, mas o oposto não foi verdadeiro, isto é, algumas vezes o professor teve que fazer o ajuste, mesmo não sendo inteiramente a favor.

⁷² Fonte: Soced: Pesquisa Processos de Produção de Qualidade de Ensino, Escola, Família e Cultura. 2004.

⁷³ Apenas um aluno fugiu a essa regra: teve a nota de Português ajustada em um décimo e a de Inglês em seis décimos, ficando em recuperação em duas matérias.

Outras regras foram criadas por equidade, isto é, se um aluno tinha recebido o benefício, outros também receberam, mas nem sempre isso foi seguido à risca, houve decisões *ad hoc*, como veremos adiante.

A decisão da ausência de um critério geral foi explicitamente dita pela coordenadora de segmento do ensino médio no segundo conselho deliberativo de 2008. Nesse conselho, antes de começar a avaliação aluno por aluno, um professor tentou fazer com que houvesse uma regra geral para a análise de todos os alunos. A coordenadora de segmento não concordou com as sugestões, dizendo que não poderiam generalizar, teriam de ver caso a caso. Não houve um debate maior sobre o assunto, quando a coordenadora falou, todos se calaram. Provavelmente, ver caso a caso significava dar peso à avaliação qualitativa que eles almejavam realizar na escola. Criar regras gerais iria contra essa nova mentalidade.

Em 2009, esse pensamento, no entanto, mudou. A orientadora educacional do ensino médio disse que em 2010 queriam fazer uma reunião, para realizar a avaliação qualitativa cada vez melhor, tentando fazer um “registro dos combinados”, para não ficar no caso a caso. Apesar dela não ter explicado melhor o que seria isso, até porque ainda não tinha sido feita a reunião, considero que eles queriam estabelecer mais regras gerais para ajudar os conselhos a decidir as questões dos alunos. Mais uma demonstração de que o conselho de classe é uma dinâmica em processo, ainda não cristalizado.

Outro item que me chamou a atenção foi o modo como a orientadora educacional conclamou os professores para votarem sobre cada aluno: se, pelo andamento da conversa, o aluno estava com poucas chances de ser aprovado, ela perguntava quem era a favor da reprovação, se fosse o contrário, ela perguntava quem era a favor da aprovação, isto é, já demonstrando o que devia ser feito pelos professores.

6.4.2

Os resultados e as regras pontuais

6.4.2.1

Ensino Fundamental

A seguir, apresento o resultado dos alunos do 8º ano do ensino fundamental, em 2008 e 2009, após as provas finais. Os valores apresentados em cada matéria são a diferença entre a nota alcançada na prova final e a nota que o aluno deveria ter tirado para ser aprovado sem fazer recuperação. Os valores em vermelho são aqueles que sofreram ajustes no conselho de classe. Os alunos são apresentados conforme o número de matérias em que ficaram em recuperação, do maior para o menor.

Como dito anteriormente, os alunos que ficaram em quatro disciplinas foram todos reprovados. Ficaram nessa situação três alunos em 2008 e dois em 2009. O primeiro a ser reprovado foi um bolsista, descrito como um aluno triste, deslocado, muito quieto, nunca tinha dúvidas, consideraram “uma tragédia anunciada”. A coordenadora falou que alguns bolsistas apresentam problemas no sentido de “ter ou não ter”. Este bolsista pediu transferência sem explicitar o motivo. O segundo foi descrito como “assustado”, no conselho de outubro, tinha “buracos enormes” em sua formação. No conselho, considerou-se que ele foi um caso bem acompanhado, a família estava plenamente ciente. No pedido de transferência, foi o único que explicitou o motivo: dificuldades em matérias como Matemática, Inglês, Ciências etc. O terceiro teve problemas familiares sérios durante o ano, decidiram rápido sua reprovação, pois tinha sido avisado o ano todo; também pediu transferência. Quanto aos dois reprovados de 2009, um foi considerado “imaturo”, com “muitas deficiências de estudo”, além de “não ter se esforçado muito”. O segundo foi um aluno considerado “fraco”, “sem empenho”, que queria sair da escola.

Três matérias

Os alunos que ficaram em três matérias tiveram destinos variados. Não houve uma regra única para decidir, dentre os alunos que ficaram em três

matérias, quais seriam reprovados e quais receberiam uma nova chance. Foi feita a discussão sobre o ajuste ou não até de três décimos em Ciências.

Tabela 13 - Resultados pós provas finais do 8º do ensino fundamental de 2008 – Diferença entre a nota alcançada e a nota necessária								
Aluno	Port.	Franc.	Ingl.	Hist.	Geo.	Cien.	Mat.	Teol.
Quatro Matérias								
1	1,3				4,4	4,5	3,9	Rep
2	2,2		3	2,5	3,4			Rep
3	1,5			0,8	3,4	1,6	0,6	Rep
4	1,7	1,4			1,7			Rep
Três Matérias								
5	0,8	1,4			1,7			Rec
6	1,2				3	0,3		Rec
7	1	1,4					0,1	Rec
Duas Matérias								
8	1,2						1,1	Rec
Uma Matéria								
9							1,8	Rec
10	1,8							Rec
11			1,9					Rec
12							1,2	Rec
13					0,9			Rec
14						0,1		Apr
15	1,1							Apr
16					0,1			Apr
17	0,6							Apr
18	0,7							Apr
19					0,7			Apr

Obs: Os valores em vermelho são aqueles em que houve ajuste de nota posteriormente.

A professora de Ciências disse não ter problema em dar a nota para o aluno nº 6, mas achava que o aluno não devia passar. Todos os professores concordaram que o aluno tinha muitas dificuldades (não sabia como estudar, como anotar), mas a orientadora educacional lembrou que ele estava passando por problemas familiares graves e assim foi decidido que seria feito o ajuste.

Os outros dois alunos que precisavam de um décimo em Matemática e cinco décimos em Geografia receberam a chance, porque consideraram que eles conseguiriam fazer uma boa recuperação. O terceiro foi uma das decisões *ad hoc*, o aluno faltou à prova final por um mal entendido e por isso teve um ajuste de 1,7. Esse aluno também foi o único caso em que a matéria escolhida para ocorrer a

aprovação não foi aquela em que o ele precisava de menos, Geografia, mas na que seria mais necessária, isto é, Português, na qual ele precisava apenas de 0,8.

Tabela 14 - Resultados pós provas finais do 8º ano do ensino fundamental de 2009 - Diferença entre a nota alcançada e a nota necessária									
Aluno	Port.	Franc.	Ingl.	Hist.	Geo.	Cien.	Mat.	Teol.	Status
Quatro Matérias									
1		1,4	1,2			2,1	0,7		Rep.
2	0,5			1,7	8,9	0,7			Rep.
Três Matérias									
3			1,7		3,0	2,0			Rep.
4					0,5	1,9	0,7		Rec
Duas Matérias									
5			9,3/			0,7			Rec
6	2,3					1,2			Rec
7					3,3	0,2			Rec
8					2,3	0,2			Rec
Uma Matéria									
9			2,5						Rec
10						2,1			Rec
11						2			Rec
12						0,7			Rec
13					2,3				Rec
14					2,3				Rec
15			1,1						Rec
16						1,4			Rec
17	1,3								Apr
18						0,5			Apr
19						0,3			Apr
20						0,6			Apr
21						0,2			Apr
22						0,4			Apr

Obs: Os valores em vermelho são aqueles em que houve ajuste de nota posteriormente.

Os dois alunos (nº 5, de 2008, e nº 3, de 2009) que ficaram em recuperação em três matérias e não receberam ajustes, a nota em que precisavam menos era 1,4, em Francês, em 2008 e 1,7, em Inglês, em 2009. O primeiro a ser reprovado foi considerado um aluno que não tinha perfil para ser reprovado, mas que naquele ano não tinha conseguido se concentrar na escola. Tentaram fazer contato diversas vezes com a mãe do aluno, mas ela se furtou ao encontro. Os professores

consideraram que, pela falta de informações, não poderiam decidir de outra forma. Talvez, se a escola soubesse qual era o problema, teria dado uma chance para o aluno, como fez com outros.

O segundo reprovado já tinha sido aprovado em conselho no 7º ano, tinha diagnóstico de TDAH, perdia as coisas, “não dava conta”. Consideraram que ele não tinha os pré-requisitos para o 9º ano. Esse aluno pediu transferência por ter sido reprovado e pela perda de emprego do pai. Para ambos, foi feito o que eles denominaram de uma reprovação benéfica.

Duas matérias

Apenas um aluno ficou em duas matérias em 2008. Foi com pesar que os professores viram o seu resultado. Um deles, inclusive, disse que se arrependia de não tê-lo reprovado. Considerava que era a “prova da impunidade do país”. O aluno fez aula particular de tudo e por isso conseguiu um bom resultado nas provas finais. Foi um dos alunos para quem consideraram que o excesso de dinheiro o atrapalhava.

Em 2009, quatro alunos ficaram em duas matérias. Dois receberam ajustes de dois décimos em Ciências. O terceiro, nº 5, ficou direto em uma das matérias e precisava de sete décimos em Ciências. Foi um resultado que surpreendeu a todos, consideraram que ele não conseguiria passar, pois tinha problemas familiares sérios, os pais são separados e têm um relacionamento conflituoso. Foi considerado que ele iria para o 9º ano com sequelas de conteúdo. Os professores estavam de certa forma lamentando seu resultado, a coordenadora falou que ele ainda não tinha passado, faltava alcançar a nota em Inglês. Não se discutiu a possibilidade de ter sua nota ajustada. Já tinha sido aprovado em conselho no ano anterior duas vezes. Provavelmente, não queriam lhe dar uma nova chance. Conseguiu passar por nota na recuperação.

Com relação ao segundo, não houve discussão, comentaram que ele tinha uma postura “desligada”, “desagradável” e que deveria fazer recuperação.

Uma matéria

Com os alunos que ficaram em uma matéria e foram dispensados de fazer recuperação, o critério, na maioria das vezes, foi mais uma vez o quantitativo. Alunos que precisavam de pouco, isto é, até menos de um ponto foram liberados.

Apenas dois alunos foram aprovados precisando de mais de um ponto, em ambos os casos foram em Português por decisão das professoras, considerando o esforço que o aluno tinha feito. Outros dois alunos que precisavam de pouco não foram liberados por conta de indisciplina. Quando a coordenadora perguntou ao grupo qual era o critério para um ser aprovado e o outro não, um dos professores respondeu dizendo que o aprovado tinha uma boa redação, era mais atento e respondia, já o outro não era responsável, conversava muito, mas não era um aluno para ser reprovado. Preciso dizer que nas duas vezes foi bastante discutido se a decisão era um castigo ou não, pois, se fosse, não era considerado o correto, mas como era apenas uma etapa do processo, foi visto como um “dado de realidade”.

6.4.2.2 **Ensino Médio**

A seguir, apresento o resultado dos alunos do 1º ano do ensino médio em 2008 e 2009, após as provas finais. Como fiz no ensino fundamental, os valores apresentados em cada matéria são a diferença entre a nota alcançada na prova final e a nota que o aluno deveria ter tirado para ser aprovado sem fazer recuperação. Os valores em vermelho são aqueles que sofreram ajustes no conselho de classe.

A maneira de conduzir os dois conselhos influenciou nos resultados. No primeiro conselho deliberativo do ensino médio de 2008, nem todos os alunos foram debatidos, apenas 18 alunos, outros 20 foram direto para a recuperação sendo apenas nomeados. Em 2009, aconteceu uma situação muito diferente: como as notas só chegaram na hora exata do conselho, o coordenador pedagógico foi lendo aluno por aluno para ver quem estava com nota insuficiente.

Acredito que o atraso das notas, além da presença de dois professores mais tolerantes que não participaram dos outros conselhos, colaborou para que houvesse uma variedade maior de decisões. Esse atraso foi bastante incomum na escola, tendo em vista que eles têm o calendário definido desde o início do ano, mas, como em 2009 tivemos a pandemia da gripe suína, a escola, assim como as outras do Rio de Janeiro, só pôde recomeçar as aulas no segundo semestre com duas semanas de atraso. Isso fez com que todo o planejamento fosse alterado. Se, em 2008, o primeiro COC de dezembro foi no dia 03, em 2009, foi no dia 14.

Tabela 15 - Resultados pós provas finais do 1º ano do médio de 2008 –
Diferença entre a nota alcançada e a nota necessária

Port	Reda	Fra	Ing	Hist	Geo	Fis	Quí	Bio	Mat	Teo	Art	Soc	Fil	Status
Mais de Quatro Matérias														
1	4,7	3,5	2,0		3,3	4,8	3,2	4,4	2,0		3,2	4,5		Rep
2			2,6			1,9		2,3	2,4		9,1	1,0	4,0	Rep
3					2,8	7,1	5,4		11,3				0,8	Rep
4	1,1					1,4			1,3			0,5		Rep
5					0,8	2,5			2,2			0,6		Rep
6					3,3	6,7	3,8		10,9				3,6	Rep
7						4,4	3,9	0,4	10,0					Rep
8			2,3			1,2	3,1		9,1					Rep
Três Matérias														
9						0,8	3,7		5,7					Rep
10						2,8	2,3		4,7					Rep
11						3,4	3,0		5,6					Rep
12						5,5	3,4		3,3					Rep
13						1,8	2,2		4,5					Rec
14						4,7	3,2		9,0					Rec
15									1,6			1,4	3,4	Rec
16		1,2					2,1		2,8					Rec
17		1,4				2,8			9,4/					Rec
18	1,6		1,1						1,7					Rec
Duas Matérias														
19							0,4						1,7	Rec
20									4,1				1,8	Rec
21	1,5		1,5											Rec
22							1,1		1,4					Rec
23							3,8		4,5					Rec
Uma Matéria														
24									2,8					Rec
25									4,3					Rec
26									3,4					Rec
27									4,2					Rec
28						1,0								Rec
29						5,2								Rec
30									1,7					Rec
31									4,1					Rec
32						0,9								Rec
33							4,6							Rec
34							1,7							Rec
35									1,3					Rec
36						1,6								Rec

Tabela 16 - Resultados pós provas finais do 1º ano do médio de 2009 –
Diferença entre a nota alcançada e a nota necessária

Port	Reda	Fra	Ing	His	Geo	Fis	Quí	Bio	Mat	Teo	Art	Soc	Fil	Status
Quatro ou mais matérias														
1	1,2		0,5		0,6	8,2	0,2	2,3	11,3		0,9	3,3	4,6	Rep
2		1,0	3,2	5,2	5,1	9,7	10,5	4,7	9,4	8,6	8,6			Rep
3	0,2		2,2	1,8		5,3	2,5		3,5					Rep
4			4,3			4,3	0,6		5,9					Rep
5	1,1					2,5	2,2	3,0						Rep
6						2,9		0,9	1,3		3,7			Rep
7			1,4			4,5	3,5		DIR					Rep
8			3			2,9		1,0	2,1		2,4			Rep
9	0,1		0,6			2,7			3,2					Rec
Três Matérias														
10			3,7					1,3	9,2					Rec
11	0,3		0,7						10					Rec
12	1,5		3,5								1,4			Rec
13	0,7								4,3		1,9			Rec
14						1,3	5,3		3,6					Rec
Duas Matérias														
15						1,1			4,1					Rec
16			2,2								5,0			Rec
17						0,6			2,3					Rec
18						1,4			4,9					Rec
19						1,2			4,8					Rec
20	0,3								2,1					Rec
21						3,8			9,7					Rec
22	0,4		1,4											Rec
23						6,1			7,0					Rec
24							0,8		5,1					Rec
25						0,9			6,3					Rec
26						1,6			2,4					Rec
27						3,7			3,2					Rec
28						0,8			5,9					Rec
Uma Matéria														
29	0,4													Aprov
30									2,0					Rec
31									2,9					Rec
32									1,2					Rec
33									3,1					Rec
34									1,1					Rec
35									1,6					Rec
36									3,3					Rec
37									7,8					Rec
38									2,4					Rec
39						1,3								Rec
40									4,3					Rec
41			1,3											Rec
42									2,2					Rec

No ensino médio, oito alunos em cada ano⁷⁴ foram reprovados por terem ficado em mais de quatro matérias. A equivalência dos números reforça a tese do efeito Posthumus. Como o tamanho do grupo é sempre relativamente o mesmo, e a tendência é fazer com que as avaliações façam uma curva normal, o número de reprovados tende a se manter. Os motivos expostos pelos professores foram variados: a atitude frente ao trabalho, comentários dizendo que alguns “entregaram os pontos”, ou eram “descompromissados”, “não quis nada, não tem o perfil da escola, não presta atenção, atrapalha, se acha engraçado”. Sobre um aluno, foi considerado que, apesar dos esforços, não conseguia, porque era fraco, “típico aluno que se esforça, mas não consegue, não é brilhante, não adianta”. Para alguns, a reprovação foi considerada benéfica, assunto de que falarei posteriormente. Apenas um foi liberado em quatro matérias, precisava de um décimo em Português e seis décimos em Inglês, em ambas as matérias a decisão foi dos professores.

Três matérias

No ensino médio, os alunos foram liberados precisando de mais pontos. Em 2008, só foram liberados quatro alunos inicialmente, outros dois alunos (nºs 16 e 17), apesar de terem sido reprovados em conselho, receberam uma nova chance após as famílias apelarem para a reitoria da escola.

Pelos argumentos, podemos dizer que três cujas notas foram ajustadas tinham o que eles chamam de qualitativo bom: dois foram denominados como cordiais e o terceiro como “muito gente boa”. Outros argumentos utilizados foram: um deles tinha sofrido uma cirurgia durante o ano, o que o prejudicou, e o outro vivia uma situação de extrema pobreza, o que atrapalhava muito os estudos, “mas não tinha entregado os pontos”, como eles denominaram, e recebeu um ajuste de 3,2 pontos.

O quarto aluno, nº 16, recebeu um ajuste de 1,8 em Física, mas não entendi com base em que foi tomada essa decisão, pois o aluno nº 9, que precisava de 0,8 na mesma matéria, não foi liberado. A descrição do que recebeu a nova chance não foi das melhores: um professor teve dúvidas se ele poderia fazer um 2º ano de

⁷⁴ Desse total, nove pediram transferência, sendo que seis destacaram como motivo o fato de terem sido reprovados.

qualidade, pois não tinha demonstrado nenhum “compromisso de melhora”, também não foi considerado um aluno de iniciativa.

Para o que não teve a mesma sorte, o argumento mais forte foi que ele deixou a prova em branco, no entanto, dos registros não consta nenhum zero. Um dos argumentos usados para reprovação foi que sua família receberia com tranquilidade a notícia.

Vemos aqui a importância da família no processo de reprovação e não reprovação. Um dos alunos que recebeu uma nova chance pela interferência familiar junto à reitoria tinha família considerada como uma que receberia bem a notícia. A família do outro que precisava de menos pontos, como aceitou o veredicto escolar, não teve a mesma oportunidade.

A decisão das reprovações para os outros alunos (nº 10,11 e 13) que ficaram em três matérias, em 2008, foi feita considerando-se que seria benéfico para eles refazerem a série. Aquele que precisava de menos necessitava de 2,3 pontos.

Em 2009, todos os alunos que ficaram em três matérias tiveram suas notas ajustadas. Dois precisavam de muito pouco e foram liberados por decisão dos próprios professores das disciplinas. A decisão sobre os outros três foi em decorrência da avaliação sobre um deles que, apesar de ser excepcional, gerou uma regra momentânea, válida apenas naquele conselho por uma questão de equidade. Explico melhor: um dos alunos era parente de um dos professores, este expôs o seu desconforto por ficar vinculado à reprovação do aluno. Além disso, o aluno tinha crises de ansiedade nos momentos de prova, o que o levou a ter um acompanhamento médico. Consideraram que agora, medicado, talvez pudesse ter um desempenho melhor nas provas. Assim, foi feito um ajuste de 1,3.

Com essa decisão, outros dois alunos que precisavam do mesmo ajuste foram agraciados com uma nova chance, apesar de ter sido dito de um deles que não tinha perfil para o 2º ano e do outro que tinha um “comportamento ruim”, “não se esforçava” etc. Nos dois casos, foi avaliado que deveria ser aplicada a mesma regra. Vê-se, portanto, que o favorecimento em decorrência do capital social recebido por um dos alunos, levou a mesma solução para mais dois que não apresentaram o mesmo capital.

A dispensa de uma ou duas matérias para fazer apenas uma recuperação só aconteceu em 2009. No ensino médio, foi algo bastante excepcional. Como

mentionei anteriormente, por conta da pandemia da gripe suína, o calendário ficou confuso porque o prazo entre a comunicação da recuperação e a última prova seria muito curto. Assim, a regra começou a ser estabelecida quando a professora de Português, de moto próprio, deu três décimos para o aluno nº 20, com a justificativa de que ficar em duas matérias poderia prejudicá-lo na recuperação em Matemática. O argumento também foi utilizado para outros alunos, pois, como mencionei no capítulo cinco, o currículo de Matemática sofreu alterações que provocaram uma baixa de desempenho muito grande entre os alunos.

O processo de dispensa de duas matérias para fazer apenas a recuperação em Matemática ocorreu da seguinte forma: um dos alunos ficou direto em recuperação em Matemática, além de ficar em Inglês por 1,3 e em Português por três décimos. Os professores de Português e Inglês disseram que poderiam dar os pontos.

O professor de Português declarou que o estudante deixou muito a desejar o ano inteiro, que era um aluno esforçado, mas limitado. Já o professor de Inglês disse que, nesses dias de recuperação, o aluno não conseguiria melhorar muito o seu desempenho. Em nova consideração, o professor de Português alegou que não gostaria de deixá-lo reprovado direto, mas, se ele fosse aprovado em Inglês, gostaria de deixá-lo em recuperação, porque considerava que o aluno tinha de estudar mais.

Um terceiro professor sugeriu que o aluno fosse aprovado nas duas matérias, mudando o curso das decisões. Houve um debate, uns professores achando que, se fosse aberta essa possibilidade, muitas famílias pediriam exceção. A supervisora pedagógica disse que não deveriam temer isso, porque a escola está sempre vulnerável aos pedidos. Quiseram saber a opinião do professor de Matemática, se o menino teria muita dificuldade na prova de matemática, pois se fosse o caso, não precisariam mudar a nota. O professor disse que, com 32 anos de trabalho era difícil prever, até porque como educador, não poderia pensar de outra forma. Deveria sempre acreditar na possibilidade de superação do aluno.

Foram feitas duas votações, primeiro para saber quem era favorável à aprovação em Português e a segunda para ver quem era favorável a deixar em recuperação somente em Matemática. A primeira venceu por unanimidade, e a segunda, de 14 professores, três foram contra. Com o mesmo propósito de

possibilitar o estudo de Matemática, outros dois alunos foram dispensados da recuperação em Física, recebendo respectivamente o ajuste de nove e oito décimos.

Pelo quantitativo, podemos considerar que mais dois alunos poderiam ter sido liberados para ficar em apenas uma matéria, os alunos 17 e 24. O primeiro precisava de seis décimos em Física. Julgo que não recebeu o ajuste por ter sido o primeiro caso a ser debatido em conselho. Quando decidiram a nova regra, o caso dele já tinha sido resolvido. O número 24 foi um aluno que teve muitos problemas de disciplina e, na hora da votação, nove professores foram a favor de ele ficar nas duas matérias e cinco foram a favor de sua liberação. Os outros alunos que não receberam ajustes estavam precisando de mais de um ponto.

6.5 Conselhos Pós-Recuperação

6.5.1 Ensino Fundamental

Após o período das recuperações, houve um novo conselho deliberativo para decidir, dentre aqueles que não passaram por nota, quais seriam reprovados e quais seriam aprovados. No 8º ano, nenhum aluno foi reprovado no último conselho, sendo que dois tiveram ajuste de nota, um em 2008, outro em 2009.

O primeiro precisava de nove décimos em Geografia, e o professor, por considerar pouco e ser apenas em uma matéria, disse que não se incomodava em passar o aluno. Foi dito que ele era “imaturo”, “não tinha autonomia”, mas era “muito capaz” e assim decidiram aprová-lo em conselho.

O segundo ficou em Inglês precisando de 2,5. A professora não se sentiu à vontade de reprová-lo apenas na sua matéria. Aqui vemos a hierarquia das disciplinas, pois vários alunos no ensino médio foram reprovados apenas em Matemática e não houve problemas com isso. Esse aluno apresentava dificuldades com linguagem figurada e ortografia, mas sua família não teve mobilidade para resolver suas questões, pois era bolsista. Como ele demonstrou ser “maduro”, “organizado” e “correr atrás”, fizeram o ajuste necessário.

6.5.2 Ensino Médio

No último conselho do ano de 2008, primeiramente foi feita uma rodada sobre todos os alunos de quem iam falar naquele dia, disseram quanto cada um tirou e de quanto cada um precisava. Não falaram nada de específico sobre os alunos que passaram na recuperação. Comentaram que vários tinham surpreendido positivamente. Depois falaram um a um.

Como veremos na tabela a seguir, foram três alunos aprovados em conselho em Matemática, no ano de 2008. Os três alunos foram descritos da seguinte maneira: “excelente, só não é brilhante em matemática”, “bom garoto”. Todos precisavam de um pouco mais de um ponto. Os quatro alunos reprovados ficaram em duas matérias e por muito, por conta disso não receberam ajustes. Também não quiseram fazer mais ajuste para um aluno que já havia recebido chance no outro conselho.

Um dos alunos reprovados foi o bolsista que tinha péssimas condições de estudo. Com ele e com outros bolsistas, os professores demonstraram a preocupação com o destino dos alunos, questionando se seria possível a permanência deles na escola, o que se verificou ser muito difícil. No pedido de transferência, sua mãe escreveu: “devido não ter passado, deve ter perdido a bolsa e eu não tenho condições de arcar. Meu filho está desolado”.

Tabela 17 - Resultados pós recuperação do 1º ano do médio de 2008 –

Diferença entre a nota alcançada e a nota necessária

	Física	Química	Matemática	Status
1		-4	43	Reprovado
2		11	52	Reprovado
3	59		50	Reprovado
4	29		52	Reprovado
5			16	Aprovado
6			16	Aprovado
7			12	Aprovado

Em 2009, como já relatei, não observei o último conselho de classe. Tive, no entanto, uma reunião com a orientadora educacional, que me passou muitas

informações sobre como havia transcorrido o conselho. Apresento a seguir o quadro de notas, mais uma vez com o mesmo critério das tabelas anteriores.

Tabela 18 - Resultados pós recuperação do 1º ano do médio de 2009 – Diferença entre a nota alcançada e a nota necessária						
	Português	Inglês	Física	Química	Matemática	Status
1			Aprov		2,5	Aprov
2			0,7		Aprov	Aprov
3			1,6		Aprov	Aprov
4	Aprov	3,5				Aprov
5	0,4	Aprov				Aprov
6				1,1	Aprov	Aprov
7			0,8		Aprov	Aprov
8			1,6		Aprov	Reprov
9		2,5			5,3	Reprov
10			1,0		1,9	Reprov
11			2,6		3	Reprov
12			1,9		5,5	Reprov
13			3,4		1,4	Reprov
14				0,6	2,0	Reprov
15					1,4	Aprov
16					3,5	Aprov
17			0,4			Aprov
18					4,5	Aprov
19					4,5	Reprov
20					3,0	Reprov

Os alunos que ficaram em duas matérias e foram reprovados em ambas não receberam nenhum tipo de ajuste. Somente foram ajustadas as notas do que conseguiram obter a aprovação em uma das matérias e se não tinham recebido ajustes no primeiro conselho deliberativo. Por isso o número 8 não foi aprovado. Além disso, foi considerado um aluno mediano, “brincalhão”, não houve da parte dele, na percepção dos professores, um empenho em melhorar.

Quanto aos alunos que ficaram em uma matéria, quatro tiveram suas notas ajustadas. O aluno nº 18 foi uma exceção, pois já tinha recebido um ajuste no conselho anterior. Foi um aluno repetente que todos consideraram que teve uma grande melhora em 2009. Segundo o professor de Matemática, seu problema estava concentrado no conteúdo novo, o que o habilitava para ser aprovado. Vemos que os quatro ajustes feitos com as notas mais altas foram em Matemática,

justamente a matéria do professor já mencionado anteriormente. Se não fosse a sua atuação, provavelmente todos esses alunos teriam sido reprovados.

Um dos alunos que foi reprovado em uma matéria, o de número 18, já tinha recebido ajustes em Português e Inglês para fazer a recuperação. Foi considerado imaturo, precisaria aprofundar seus estudos. Talvez tenha sido uma reprovação benéfica.

O outro aluno que ficou em apenas uma matéria, o número 19, foi avaliado como tendo uma postura de descaso. Esse aluno, nos conselhos, nunca foi comentado de forma positiva, acredito que o seu maior problema seria certa antipatia. Diferente do aluno 19, que em todos os conselhos foi considerado um aluno problema - dormia em sala de aula, perturbava quando estava acordado, indisciplinado -, mas que deve ser muito carismático. Por conta de uma pequena melhora, recebeu um ajuste de 1,1 em Química, sendo que na votação apenas um professor foi contra sua aprovação.

Finalmente o aluno nº 7, cuja reprovação foi mantida pelo segundo conselho deliberativo, pediu revisão de prova. Como ele conseguiu um aumento de um ponto, a família apelou para a reitoria. Foi feito um conselho de classe extraordinário para discutir a situação. Conforme explicou a orientadora, os argumentos para a reprovação estavam relacionados a uma avaliação qualitativa do aluno e para aprovação o fato de ser somente uma disciplina e, com a revisão de prova, seriam apenas oito décimos. O aluno foi aprovado com a votação de 6x4 e pediu transferência, alegando querer ficar mais perto de casa.

6.6

Reprovações benéficas

Com a observação de 2008 e 2009, pude avaliar e comparar o que aconteceu com os alunos reprovados em 2008. Pude fazer a observação melhor no ensino médio, pois, no ensino fundamental, apenas um dos reprovados permaneceu na escola, os outros pediram transferência. Esse único aluno teve um ano melhor. Provavelmente, o problema familiar era o que estava impedindo que ele tivesse um aproveitamento razoável.

No ensino médio, dos sete alunos que refizeram a série na escola, apenas um foi reprovado e pediu transferência. Todos os outros ficaram em recuperação e precisaram de um olhar mais benevolente dos professores nos conselhos para serem aprovados, seja recebendo uma chance no primeiro para poder fazer recuperação, ou para poder estudar melhor Matemática, seja no segundo, para serem aprovados. Os professores foram mais tolerantes de modo geral com esses alunos, sendo que um deles recebeu ajustes nos dois conselhos, pois consideraram que ele teve uma melhora.

Na revisão de literatura, vimos que a reprovação não é uma boa solução para a melhora do desempenho do aluno. Ainda que esses resultados sejam numericamente muito poucos, verificamos que apenas o aluno do ensino fundamental teve efetivamente uma melhora visível. Os outros continuaram tendo problemas, sem contar que a reprovação levou a maioria dos alunos de 2008 a pedirem transferência.

6.7

Transferências

Apesar de não constar das análises do conselho de classe, observar os pedidos de transferência da escola, sem dúvida, faz parte de como o desempenho dos alunos e a avaliação interferem nos destinos escolares. De acordo com levantamento numérico feito nas quatro coortes, vimos no gráfico 7 do capítulo 3 que, nessa escola, a média dos pedidos de transferência é sempre um pouco maior do que a média das reprovações. Com base no documento do pedido de transferência, no qual o solicitante deveria preencher o motivo e as notas do último boletim do aluno, verifiquei o que segue:

Tabela 19 – Motivos dos pedidos de transferências do 8º EF e do 1º EM de 2008 e 2009

	8º EF		1ºEM		Total
	2008	2009	2008	2009	
No fim do ano:					
Mudança de estado	0	1	2	1	4
Ficar mais perto da escola	0	1	0	1	2
Financeiros	0	1	1	1	3
Reprovação	0	1	5	4	10
Sem alegação de motivo e reprovados	3	0	2	5	10
Sem alegação de motivo	2	0	0	0	2
Na metade do ano					
Sem alegação de motivo	1	0	2	1	4
Sem alegação de motivo, c/ problemas de nota	0	0	3	0	3
Com problemas de nota	0	0	2	1	3
Problemas de adaptação	1	0	0	0	1

Pela tabela, podemos constatar que o maior motivo para os pedidos de transferência são as reprovações. Se contarmos também com aqueles que não disseram a razão, mas foram reprovados ou estavam com problemas de nota, esse número cresce ainda mais. Os alunos que alegaram como motivo trocar de escola para uma mais perto de casa também estavam com problemas de desempenho. Um quase repetiu e o outro só foi aprovado por ter a família apelado para a reitoria da escola. Quanto aos que alegaram motivos financeiros, dois tinham sido reprovados e o terceiro teve sérios problemas de nota.

6.8

Considerações Parciais

Pelas decisões do conselho, vimos que a família tem uma função muito importante no destino dos alunos. De fato, a variável do envolvimento dos pais com a escola é uma das que tem maior poder de discriminação entre os alunos repetente dos não repetentes (Jimerson e outros, 1997).

A ausência do envolvimento dos pais pode ser decisiva, como foi para o aluno do 8º ano do ensino fundamental, reprovado pelo fato de os professores não terem nenhuma informação sobre a família que pudesse explicar o mau desempenho do aluno. Já o outro aluno que, apesar de ter problemas de anotar, de prestar atenção na aula, foi aprovado por saberem que a família estava passando por graves problemas.

Ocorre que, ao falar com a escola, a família expõe sua privacidade, isso cria uma fenda na esfera privada e as famílias podem ficar extremamente desconfortáveis com essa exposição (Perrenoud, 2001). A crença, no entanto, de que o sucesso escolar é fundamental para a vida adulta promove que a maioria das famílias faça uma adesão às exigências escolares, inclusive no que tange à sua intimidade.

A família foi importante também na aceitação ou não do veredicto escolar. Dois alunos receberam a chance de fazer a recuperação por conta disso. Um terceiro foi aprovado em um conselho extraordinário, depois de a família ter feito um apelo à reitoria. Já os alunos que aceitaram o veredicto mais facilmente ficaram com o primeiro julgamento feito pela escola.

Outro ponto para ser salientado é a questão do nível socioeconômico dos alunos. Os dados qualitativos demonstram o que os dados quantitativos já tinham apontado: são os alunos das camadas médias que mais se formam lá⁷⁵. Vemos que, na escola A1, os alunos pertencentes às camadas altas ou às camadas mais pobres foram considerados de certa forma inadequados para o estabelecimento. Podemos observar isso com vários comentários feitos nos conselhos.

Ainda que, em muitos momentos, os professores tenham sido benevolentes com os alunos de situação financeira mais delicada, vemos que essa limitação repercute na vida escolar. Por exemplo, um dos alunos do fundamental recebeu a indicação de buscar um atendimento terapêutico, mas a família dele não teve o que se chama de mobilidade para resolver esses problemas. O aluno foi reprovado. Outro não tinha nem mesa para estudar. São casos mais raros na escola, uma professora até se assustou com a situação de um dizendo que não sabia existir na escola aluno com aquele perfil.

⁷⁵ Conforme a tabela 9, da página 78.

O problema é ainda maior porque, de acordo com a fala dos professores, para os alunos de poder aquisitivo mais baixo surge a questão do “ter ou não ter”. A comparação com os colegas de turma gera um comportamento que não colabora com o desempenho do aluno. Para um dos alunos, o professor tentou explicar que a escola seria sua grande oportunidade, mas o aluno continuou a apresentar um distanciamento pela diferença existente entre ele e seus pares. Essa questão começa a aparecer nos alunos no final do ensino fundamental, por isso podemos imaginar que seja um processo cumulativo: o aluno vai aos poucos se desengajando do contexto escolar pelas diferenças que vão se apresentando.

Transcrevo o trecho do primeiro conselho de classe deliberativo:

Coord. Segmento – disse que ele é bolsista, que vem de família muito pobre. Vive em comunidade carente, começou a se comparar, não aceita a vida que ele leva. Começou a faltar. Pediu para os professores falarem com ele. Não conta com estrutura nenhuma, a família é doente. Uma situação que ela nunca pensou que fosse existir na escola. Não tinha nem mesa para estudar. Os livros que eram pedidos não conseguia comprar...

Matemática – disse que falou docilmente para o menino que a única saída dele era o estudo.

Redação – conversou com ele e recebeu todos os trabalhos.

Coord. Segmento – no início do ano encarou como indisciplina, mas depois viu que o problema era outro.

Hist. Música – é um garoto cordial.

Biologia – não entregou os pontos.

Hist. Mus. – ele é esforçado porque a despeito de tudo ele tem notas.

Sociologia – é ótimo aluno.

Lab. Física – disse que o caso dele não era como os meninos do ISMART⁷⁶ que chegam na escola com a moral lá em cima por serem escolhidos como alunos especiais. No caso dele tem uma questão social, ele é um elemento estranho.

Lab. Biologia – está lá desde o primário.

Lab. Física – é na adolescência que isso aparece.

Os alunos das camadas altas são inadequados por não apresentarem a boa vontade cultural necessária para realizar o projeto de excelência da escola. Em um dos conselhos consultivos, sobre um aluno considerado fora do perfil da escola, foi dito que ele era muito rico, que não prestava atenção na aula e depois tinha “doses cavaleares” de aula particular. Sobre outro, foi dito textualmente que o excesso de dinheiro era um problema.

⁷⁶ Programa do qual falei anteriormente, que seleciona alunos com bom desempenho em escolas públicas e paga bolsas de estudos em boas escolas particulares.

Essa percepção de inadequação também é vista pelos alunos. O filho de uma pessoa importante no cenário político nacional foi um dos alunos que não queria mais estudar na escola e foi reprovado. A razão do seu desejo de sair era por ser a escola “puxada” demais. O coordenador também o considerava fora de seu contexto, pois suas ambições de socialização juvenil iam se chocavam com o projeto da escola de ter seus primeiros colocados do vestibular. A transferência foi para uma escola bilíngue, que começa no meio do ano, e por isso ele conseguiu não ser reprovado.

De acordo com a orientadora, um segundo aluno, filho de uma família com muito dinheiro, também usou a reprovação como estratégia para sair da escola. Não queria ter todo o seu tempo dedicado aos estudos. Pediu transferência para uma escola onde poderia fazer em dependência as duas matérias em que fora reprovado e, portanto, não perderia o ano.

Nos dois exemplos, vemos que como Ballion (1977) afirmou “l’argent efface l’échec”, ou seja, o dinheiro consegue “apagar” as reprovações que os alunos sofrem. Os alunos das camadas altas conseguem superar as reprovações com soluções que não afetam as suas trajetórias escolares.

A supervisora pedagógica relatou o caso de outro aluno que é interessante para entendermos o que a escola quer. Um dos alunos do último ano do ensino médio tinha deixado os estudos em segundo plano durante o ano letivo e foi reprovado. No entanto, ele fez o vestibular e passou para uma boa universidade pública. Tentou que o aprovassem na escola com esse argumento. Além do mais, ele tinha estudado desde o primeiro ano lá. Os professores em conselho de classe se negaram a aprová-lo, consideraram que um aluno nessas condições não pode ter o diploma da instituição.

Parece, pois, que a seleção operada pela reprovação tem como função oferecer um selo de distinção para os alunos advindos das camadas médias. Os alunos formados pela escola serão poucos e bons.